

## Notas de leitura

---

José António CORREA

### **La inscripción en escritura tartesia de Alcalá del Rio**

Alcalá del Rio, Ayuntamiento de Alcalá del Rio, Fundación Marcos García Merchante, 1985, 28 p. il, 4 lâm.

---

Esta publicação de Prof. J. A. Correa, catedrático da Universidade de Sevilla, que desde há dez anos vem dedicando um especial interesse à epigrafia pré-romana do SO peninsular, recebeu o prémio «Marcos García Merchante» relativo ao ano de 1984.

Trata-se do estudo e edição da famosa inscrição pré-romana dextrorsa de Alcalá del Rio, publicada por E. Hübner no nº LXI dos seus *Monumenta Linguae Ibericae*, Berlin, 1893. Como se sabe, esta inscrição achada em Alcalá em 1763, depois de ter passado por uma colecção de Sevilha, perdeu-se em Madrid ainda no século XVIII. Eram conhecidas de Hübner duas cópias da inscrição, a feita pelo achador, Marcos García Merchante e Zuñiga, e outra feita por Francisco Pérez Bayer, datada de Outubro de 1782, em que o grande epigrafista, alemão fez fé; uma outra cópia, de Francisco Javier Delgado, que também conhecia parece não ter sido devidamente considerada. O filho deste, o célebre numismata D. António Delgado, publicou o desenho de se pai (ainda que o não confesse expressamente), no seu famoso *Nuevo Método de Classificación de las Medallas Autónomas de España*, Sevilla, 1871, onde se observam notáveis discrepâncias em relação à edição de Hübner, e que pode ser considerado a melhor cópia. J. A. Correa apresenta neste seu trabalho as duas linhas da inscrição, comparados signo a signo segundo os desenhos de Merchante, Pérez Bayer e Delgado, numa proposta de reconstituição que se pode, por ora, considerar a melhor edição da inscrição, e ensaiando, sob reserva, uma proposta de transliteração. Se em relação à restituição do texto original apenas podemos duvidar da proposta para o signo 3 da linha mais pequena, em, relação à transliteração, por opção, não concordamos com o entendimento de quase todos os silabogramas sempre seguidos pelo signo da sua abertura

vocálica, exceptuamos, é claro, os signos 1 e 35 da linha maior, que admitimos como silabogramas.

Quanto à hipótese que J. A. Correa formula quanto ao antropónimo que iniciaria o texto da inscrição (signos 1, 2 e 3), *C(o). T(u).u*, que foneticamente associa a *codu*, *godu*, *cotu*, *gotu*, e onomasticamente a *Coutius*, *Goutius*, parece-nos que ficar por [...] *du* seria mais prudente.

Luís Coelho

---

T. W. GALLANT

**A fisherman's Tale: an analyses of the potencial productivity of fishing in the Ancient World**

Gent, Comité des fouilles belges en Grèce, 1985, 78 p, 16 fig.

---

Este estudo constitui todo o *fasciculus* 7 da prestigiada série *Miscellanea Graeca (Migra)*, onde, desde 1975, têm sido publicados alguns dos mais interessantes estudos sobre o saber tecnológico da Antiguidade Clássica e sobre as técnicas de produção dos artefactos da cultura material grega, helenística e romana: recordemos, p. e., os *Technological Studies* de N. Gale *et alii*, de 1979, e as *Greek Lamps from Thorikos*, de Francine Blondé, de 1983, aliás os materiais arqueológicos das colecções e das escavações da famosa cidade mineira de Thorikos, devido à intervenção de Herman Frank Mussche, catedrático da Universidade de Gent, e dos seus colaboradores, são um ponto de referência quase constante em todos os números da *Migra*.

T. W. Gallant, no texto deste estudo, que foi promovido pelo Prof. A. M. Snodgrass, da Universidade de Cambridge, posiciona-se, logo na p. 7, face à questão que vai abordar, escrevendo: «The role of fishing in antiquity has been vestly overrated and its significance misunderstood. I arrived at this conclusion by first examining the technological basis of fishing in antiquity based on the literary sources and depictions in the pictorial arts and then, through the use of comparative statistical data from the Mediterranean area in other periods and from various cultures in different parts of the world, I determined the potential productivity of fishing in the Mediterranean with that technology». Partindo das avaliações de M. Rostovtzeff, de J. Dumont e de J. Boardman, entre outros, de que o pescado e os produtos das indústrias conserveiras dele derivados constituíam uma das principais bases alimentares da Antiguidade mediterrânica, desde a Grécia clássica a Bizâncio, o A. propôs-se analisar, em pormenor, se estas avaliações seriam fiáveis, alertado por P. Halstead e P. Cartledge quando este último disse (em *Economic Archaeology*, Oxford, 1981, p. 199-200) que «the economic significance of fishing in the Mediterranean is often grossly inflated». Afinal qual o papel do pescado na alimentação, na dieta, das comunidades da

orla mediterrânica, e qual a real importância da pesca na economia do Mundo antigo?. Nesta ordem de ideias, procedeu ao estudo das técnicas de captura das espécies documentadas, dos períodos favoráveis à actividade pesqueira, da quantidade calórica das diversas espécies (usando o *ratio* de 3000 kcal por pessoa, e por dia, numa imaginária composição familiar de quatro pessoas), e dos produtos conserveiros, todos estes sujeitos a grandes margens de desperdício, no processo de manufactura. Seguidamente comparou os dados obtidos com os dados actuais (desde 1877-) da pesca nas costas da Turquia, da Itália, do Mediterrâneo Ocidental, onde, com as modernas técnicas de captura se conseguem volumes que naturalmente as técnicas da Antiguidade não proporcionavam, e do consumo e suas circunstâncias, acabando por concluir escrevendo que se, de facto, os dados estatísticos modernos «do not inform us of what percentage the diet in antiquity was made up of fish, they are surely indicative; if in a culture with a higher level of productivity and where 3/4 of the catch was consumed locally, fish constituted only a small percentage of the daily caloric intake, I doubt strongly that it could possibly have been much different earlier». e, na comparação com o consumo actual, chega à conclusão que, na antiguidade, o pescado não podia ser senão um recurso suplementar, na dieta alimentar.

Restava ao A. atender aos produtos conservados. No intuito de verificar a proposta de H. Michell (em *The Economics of Ancient Greece*, Cambridge, 1957) de que o peixe em conserva era a ração básica da esquadra ateniense, aplicou a sua análise, tomando o exemplo da informação de Tucídides no que respeita às 300 trirremes de Atenas, em 431 a.C., e admitindo que o consumo de peixe conservado representaria apenas 1/3 da dieta alimentar anual da tripulação e guarnição de cada navio, calculou que, para tal, o aprovisionamento de peixe teria de ser 34,7% maior do que foi o de toda a pesca grega do ano de 1938, sem contar que, para o conservar, teria sido necessário dispor de cerca de 7846 toneladas de sal, o que o A. reconhece naturalmente como uma situação inadmissível, concluindo, portanto, pela total inviabilidade do peixe, para mais conservado, poder representar sequer 1/3 da dieta alimentar da esquadra ateniense.

Apresentando, em apêndice, vários quadros sobre as características das espécies capturáveis, incluindo a sua sazonalidade, e que servem para definir bem quais as de maior interesse alimentar, em que baseou os seus cálculos, bem como documentação gráfica ilustrando a continuidade cultural que é observável nas técnicas de captura dos tunídeos, o A., que, quanto a nós, parece ter esquecido as combinações calóricas e de proteínas possíveis numa dieta mediterrânica (basta pensar em azeitonas, figos, amêndoas e tâmaras, de bem mais fácil conservação que o pescado), omissão que lhe terá sobrevivido de um bloqueamento motivado pelo tradicional juízo historiográfico moderno, de que o pescado era, a seguir aos cereais, o mais importante elemento na dieta alimentar, sobretudo da das massas populares, concluiu o seu estudo, escrevendo: «The role of fishing in the diet and economy would have been, on the whole, subordinate and supplementary: given the nature of the resource base and the technology employed to exploit it, it could not have been otherwise. Its main function would have been to supply a source of sustenance, during periods of food scarcity due to reduced crop yields».

Com este estudo que recusa um papel predominante à pesca, e à produ-

ção conserveira, na economia e na história da alimentação na Antiguidade, T. W. Gallant pensa ter contribuído para eliminar uma explicação fácil da problemática da história alimentar a que muitos historiadores e arqueólogos frequentemente têm recorrido.

Luís Coelho

Urbano ESPINOSA

**Epigrafia romana de La Rioja**

Logroño, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Estudios Riojanos, 1986, 190 p, il

O Prof. U. Espinosa, da Universidad Complutense, Madrid, que nos habituou a livros muito inteligentes e rigorosos (*Debate Agrippa-Mecenas en Dion Cassio. Respuesta senatorial a la crisis del Imperio Romano en época Severiana*, 1982; *Estudios de bibliografía arqueológica riojana: prehistoria e historia anti-qua*, 1981; *Calagurris Iulia*, 1984), dá-nos agora um estupendo *corpus* regional da epigrafia romana do curso médio e alto do Ebro que vem complementar o trabalho de J. C. Elorza, M. L. Albertos e A. González, *Inscripciones romanas en La Rioja*, Logroño, 1980. Nele se estudam 77 inscrições, das quais 3 são inéditas, p. 19-98; mais de 13 casos de notícias de inscrições, desaparecidas, e das quais não houve qualquer transmissão do texto, p. 99-104; ainda 2 casos em que houve interpolação de textos monetários nos textos epigráficos, p. 105-108; 8 casos das habituais *falsae* com que o fervor humanista da Renascença nos brindou, p. 109-117; e, ainda, 51 marcas e grafitos, dos quais 19 inéditos, p. 119-133. Das 3 inscrições inéditas chamamos a atenção para o nº 63, p. 81-82, numa ara votiva de Canales de la Sierra, que nos dá a conhecer não só a *gentilitas Avilioc(um)* mas também um segundo documento do culto às *Matres Useae*, até agora só conhecido em Laguardia, Alava. Nas conclusões, p. 135-154, o A. apresenta um curto estudo tipológico dos suportes e da sua decoração, mais na senda de F. Marco Simón, parece-nos, que na de G. Gamer, ensaia um quadro cronológico para a documentação apresentada e, finalmente, recorda em breves apontamentos a principal informação sobre as instituições municipais, o recrutamento militar, a composição social e outros dados demográficos da população, que as inscrições fornecem.

Na Introdução, U. Espinosa, advertira o leitor para uma interessante distorção que observara e que era a da existência de maiores concentrações de documentação epigráfica romana precisamente em alomerados populacionais que foram de grandeza menor ou relativa, e adiantando, p. 9: «Lo que se afirma de la epigrafia romana en general es también válido para la cristiana; ni un solo texto ha dado Calahorra, pese a que fue el primer foco difusor de cristianismo hacia los pueblos vascones y cántabros y pese a poseer una pretigiosa silla

episcopal», de facto, mesmo em toda a Rioja, exceptuando os epitáfios de *Ursicinus* (de Alfaro) e de *Tateca* (de Tricio), e as inscrições de Ortigosa (em placa de bronze) e de Arnedo (igreja rupestre), apenas poderia ser ainda considerada paleocristã a inscrição funerária perdida, de Varea, de que o A. dá notícia na p. 104.

Os índices que este livro apresenta são pormenorizados, a bibliografia minuciosa e as fotografias dos monumentos epigráficos bastante aceitáveis.

Maria Manuela Alves Dias

---

Jean-François REYNAUD

**Lyon (Rhône) aux premiers temps chrétiens: basiliques et nécropoles.**

Paris, Ministère de la Culture, 1986, 143 p, il. (Guides archéologiques de La France, 10)

---

A conhecida série dos «Guides Archéologiques de la France» enriqueceu-se, e muito, com este notável trabalho que é o nº 10 da colecção. O texto estrutura-se pelos três sucessivos capítulos que são: «Site et histoire de la ville» (p. 7-13), «Les origines du Christianisme à Lyon et son développement au cours de l'Antiquité tardive et du Haut Moyen Age» (p. 15-33) e «Topographie chrétienne de Lyon: itinéraire par quartiers» (p. 37-134), seguidos pela bibliografia essencial e, ainda, de um índice com as moradas (e horários de funcionamento) dos principais museus da cidade.

A *Lugdunum* romana encontra-se naturalmente bem referenciada como génese do grande aglomerado urbano, mas é à cidade do Baixo Império que o livro essencialmente diz respeito; após uma curta introdução, histórica e documental, à implantação do cristianismo na região, com abundantes referências aos santos, aos mártires e aos bispos, locais, o A. apresenta-nos uma pequena parte da numerosa epigrafia paleocristã (140 textos encontrados só em Lyon) na qual se reflectiu uma sociedade que integrou mesmo até filhos de altos dignitários do Império e membros da nobreza senatorial, mostrando-nos que, onomasticamente, na epigrafia da *Luadunum* cristã são raros os nomes gregos latinizados, aparecendo os nomes germânicos a partir do século VII.

Uma resenha dos edifícios religiosos, das suas funções e das suas estruturas arquitectónicas, funciona como ponte para a apresentação dos monumentos, edifícios e ruínas, que é de tipo monográfico e segue uma ordem topográfica tendo em vista não ser apenas um guia, ou roteiro, de ruínas, mas, sobretudo, servir para estimular o visitante para uma compreensão mais ampla dos vestígios arqueológicos, quer eles sejam arquitectónicos, epigráficos ou pequenos objectos de museu. Quanto às ruínas arquitectónicas paleocristãs, já que quase sempre elas estão englobadas em construções posteriores, e porque a sua interpretação depende muito da avaliação da sequência construtiva, é de louvar o A. por não fugir ao risco de avançar, hipoteticamente é certo, ideias próprias sobre o encadeamento das fases de construção de alguns edifícios.

Profusamente ilustrado com mapas de localização, plantas e alçados dos monumentos, com as reproduções de gravuras, tiradas de documentos antigos, que nos permitem fazer uma ideia das transformações que as edificações sofreram, com fotografias aéreas que nos dão uma visão de conjunto das ruínas, lado a lado com levantamentos de desenho de tipo arqueológico e, ainda, como no caso do baptistério de Saint-Étienne, uma ou outra reconstituição anaparastática do monumento, este livro pode ser considerado, como edição, modelar. De facto, ele cumpre, assim, o objectivo de preparar o visitante para uma compreensão clara da presença dos vestígios arqueológicos cristãos no tecido urbano de Lyon, e de simultaneamente lhe dar uma ideia exacta do modo e da razão do crescimento da cidade nessa época.

*Maria Manuela Alves Dias*

---

André DAVIAULT; Janine LANCHÁ; Luis Alberto LÓPEZ PALOMO  
**Un mosaico con inscripciones: Puente Genil (Gordoba) = Une mosaïque a inscriptions: Puente Gentil (Gordoba)**

Madrid, Casa de Velazquez, 1987, 78, [5] p, il., 30 cm. (Série Études et Documents, 3). ISSN 0213-1803

---

O livro está dividido em três partes distintas, embora complementares: a primeira refere-se às circunstâncias da descoberta e ao contexto histórico e geográfico, sendo da responsabilidade de López Palomo; a segunda, da autoria de Janine Lancha, diz respeito ao estudo arqueológico e iconográfico; a terceira, assinada por André Daviault, ocupa-se do estudo filológico e literário.

Trata-se de um pavimento de tema nilótico, extremamente interessante, pouco frequente na Península Ibérica (Mérida, Itálica e Puente Genil) e de que, ao que sabemos, não se conhece qualquer exemplo em Portugal. Foi encontrado acidentalmente no extremo SO da província de Córdova, mais precisamente num local – Puente Alamo – onde existem numerosos restos romanos. Na opinião de López Palomo faria parte de uma grande *villa* que, pelo material recolhido à superfície, parece ter uma primeira fase de ocupação na época Júlio-Cláudia e, com um período de maior desenvolvimento entre os séculos II e IV, perdurado até aos começos do domínio muçulmano.

A escavação executada em 1982, na sequência da descoberta acidental, se permitiu salvar o que restava da mosaico, infelizmente já bastante destruído, não logrou definir a planimetria do edifício, o que é pena, nem da publicação existem documentos gráficos ou fotográficos que nos elucidem sobre a integração do pavimento nas estruturas arquitectónicas. Parece, no entanto, ter ornado

um compartimento de planta cruciforme rematado por quatro ábsides em torno de um painel quadrangular. Deste conservam-se sensivelmente dois terços e de aquelas uma desapareceu na totalidade e de outra apenas se recolheu um pequeno fragmento. Retirado do local o mosaico foi depositado no Museu Arqueológico Provincial de Córdoba. Não há na publicação qualquer referência a materiais que eventualmente tenham aparecido sob o pavimento quando este foi arrancado e que contribuiriam para uma datação mais precisa, o que nos leva a crer que não foram encontrados.

A propósito do estudo arqueológico e iconográfico assinado por Janine Lancha algumas observações de pormenor ocorrem.

A A. propõe uma leitura dos episódios figurados nas ábsides no sentido do movimento dos ponteiros do relógio, com o que estamos de acordo, mas já nos parece discutível, pelo menos em face das fotografias publicadas, a hipótese de que a entrada se situasse do lado da ábside nº 4. É certo que não conhecemos as fotografias da escavação a que J. Lancha se refere na n. 9, mas parece mais lógico admitir que o painel central fosse apresentado de frente para quem entrava no compartimento e não de lado. É justa a observação feita pela A. à ausência de uma relação orgânica entre as figurações do painel central e as das ábsides e também nos parece de assinalar que, pelo menos na parte conservada do pavimento, não se nota qualquer testemunho da flora nilótica, tão largamente representada em mosaicos com este tipo de tema. Já não se nos afigura muito exacto considerar os dois íbis como afrontados pois, além de estarem distantes um do outro, situam-se em planos diferentes, o que talvez tenha que ver com o desejo de preencher de forma mais equilibrada os espaços vazios da superfície de fundo.

Relativamente à descrição das cenas figuradas nas ábsides fica-nos a dúvida sobre o exacto pensamento da A. acerca das fiadas paralelas de tesselas sob junto das figuras. Na p. 24 aponta-as como linhas de solo, mas a p. 43 escreve que «não podem ser interpretadas como uma linha de solo, uma vez que os personagens não se deslocam sobre elas.» Indicariam o limite inferior das imagens de forma muito esquemática. No entanto parece-nos que a contradição é mais aparente que real e a própria autora, na mesma página, sugere outras explicações que, em nosso entender, não se excluem mas podem associar-se. Essas fiadas poderão ter-se como linhas de solo, mas também como formas esquemáticas mais eficazes de *acentuar*, de *sublinhar* as personagens, de sugerir direcções de movimento ou diferentes planos. E, no caso das palmeiras, podem considerar-se cumulativamente como linhas de solo e sombras projectadas, com um tratamento convencional.

Não comentaremos a terceira parte do trabalho, ou seja o estudo filológico e literário, aliás fundamental para a interpretação do mosaico, dado o seu carácter especializado.

As observações suscitadas pela leitura deste livro não diminuem em nada o reconhecimento do seu interesse e do serviço prestado a todos os que se empenham no estudo dos mosaicos romanos ao revelar-lhes um pavimento particularmente curioso, sob múltiplos aspectos, quer em si mesmo quer pelos problemas que suscita, designadamente o da escolha de um tema literário como base para uma figuração tratada, como é sublinhado, à maneira da banda desenhada e com uma forte intenção caricatural; o ser mais um exemplo das preocupações culturais de alguns proprietários rurais do Baixo-Império (como aliás

também sucede em Torre de Palma); o da coexistência de oficinas locais com mosaicistas itinerantes, etc.

Finalizamos com o voto de que no local onde se descobriu um testemunho tão importante venha a ser possível a realização de escavações que permitam ter uma ideia mais clara do tipo de estação, da relação deste mosaico e dos que parecem ainda existir com as estruturas arquitectónicas em que se integravam, e, também, da respectiva cronologia.

J. M. Bairrão Oleiro

### Comentário à terceira parte da obra

«Outra vez inscrições sobre o mosaico!» afirmam os autores que Jean-Noël Bonneville exclamara, aquando da descoberta do mosaico. E ao mesmo tempo que, mediante o seu estudo, evocam a memória do companheiro saudoso e do epigrafista sagaz, vão demonstrar como, de facto, a sua exclamação tem razão de ser. Primeiro, porque a descoberta de textos em mosaicos se torna cada vez mais frequente; depois, porque todos eles se revestem habitualmente de não pequenas dificuldades de interpretação e, inclusive, de leitura.

Constitui o estudo da inscrição, a cargo de André Daviault, o capítulo III desta obra, dividido em duas partes: procura-se, na primeira (p. 55-69) estabelecer o texto e proceder à sua análise, de forma a detectar o que André Daviault designa *vis comica* das presentes inscrições; é dedicada a segunda ao confronto do texto com a literatura dramática, confronto que parece poder sugerir a hipótese de estarmos perante «novos fragmentos de um mito latino» (p. 69-78).

Datável do século IV, a legenda do mosaico de Puente Genil será, pois, a ressonância dum texto literário antigo, ressonância que é alarde e ressurreição, mais um índice, portanto, do retorno ao glorioso passado mitológico e clássico duma Roma ora ameaçada pelos Bárbaros nas suas estruturas políticas e pelas influências cristãs nas suas estruturas culturais.

Mas vejamos concretamente o texto em causa.

Na primeira cena, o pigmeu atacado pela grua tem atrás de si a legenda *SV CERBIO*, que foi interpretada como «Sum Cervius», «Sou Cérvio», forma original de se apresentar ao visitante, em vez da simples e estereotipada menção do nome. A frase que encima o grupo *E FILI GERIO VALE* é pedido de socorro, como quem diz «ó filho, Gerião, acode-me!». Ao que o filho, armado de bastões, a correr, lhe responde, batendo na grua, *SVBDVC TE PATER*, «ó pai, tira-te daí debaixo». De cabelos soltos, apressada também, a mãe, identificada como *VXOR MASTALE*, «a mulher mamalhuda», grita *AI MISERA DECOLLATA SO*, «Ai pobre de mim, estou decapitada!».

A cena da ábside nº 2 representa o final feliz. A ave é puxada por um pigmeu que parece dizer *ET TV ERE SVMA*. André Daviault interpretada *ERE* como vocativo de *erus*, senhor; e *suma*, o imperativo de *sumere*, agarrar. E traduz: «E tu, senhor, agarra!». Creio que esta interpretação é demasiado forçada. Prefiro ver em *ERE* uma forma popular de *ERAS*, segunda pessoa do singular do pretérito imperfeito do verbo *esse* e traduzir: «E eras tu enorme!». A frase te-

ria um sentido depreciativo — como quem ironiza «E agora estás reduzida a nada» — e seria simultaneamente uma expressão de alívio, «caramba que ela era bem grande!». Por isso, a figura que, de pé, acompanha a cena, porventura o «Cérvio» que dela, enfim, se livrara, acrescenta *E IMPORTVNA*, «E importuna!», recordando o mau bocado por que passara. A omissão do T (de *ET*) parece-me muito mais verosímil e frequente que ver aí a interjeição *HEM*, de carácter mais literário que epigráfico.

Por fim, à terceira legenda que, com um bastão, empurra a ave, é atribuída a frase *TIMIO NE VECTI FRANGA*, equivalente, como afirma André Daviault, a *timeo ne vectim frangam*, «Tenho medo de partir a vara».

A sequência — como eu a concebo — é a seguinte: que carrega com o peso morto, suspira «bolas, que isto pesa!»; que se viu atacado, só se lembra é de como foi importunado; o outro, a quem também incumbe um esforço físico, volta à ideia inicial de peso.

Quanto à terceira legenda — *SELVAN/ GAVE[M?]* — ela pode, na verdade, vir na sequência das anteriores, indicando o local (o «bosque») para onde se desejava levar a presa; o vocábulo *gravis*, «pesado», retomaria o pensamento patente na ábside nº 2. Concordo que essa é, porém, «frágil suposição» (p. 69).

Com base em dados literários e filológicos, que minuciosamente escalpela, pretende André Daviault ver aqui o reflexo dum mimo teatral, apresentado pelo proprietário da *villa* precisamente no *triclinium* da sua *domus* para divertir os convidados. A *vis comica*, ou seja, a comicidade do conjunto resultaria, em seu entender, não tanto da representação clássica, mais ou menos usual, do combate entre os pigmeus e uma grua, mas sim da nomenclatura atribuída às personagens intervenientes. *Gerion*, nome de forçudo e musculado gigante, identifica agora um disforme anão desajeitado. André Daviault aproxima o suposto nome do pai do antropónimo *Cervius*, que relaciona etimologicamente com «cervix», cabeça. O lamento da mulher teria, desta sorte, pleno cabimento, porque, ao perder o marido, ficava... «decapitada» — e, num contexto de comédia, a frase não deixaria de provocar risada. Finalmente, André Daviault analisa o significado do nome *Mastale*, muito provável latinização «duma palavra grega feminina derivada de *μαστός*, «mama» que se aproxima, portanto, do vocábulo latino *mammeata*, «a que tem as mamas grandes» (p. 59) — o que, tendo em conta a generosa representação dos seios, sublinharia, em seu entender, o carácter humorístico do nome.

Não nego o grande interesse das pistas ora traçadas pela bem documentada investigação de André Daviault. Creio, no entanto, que talvez nos possamos ater a explicações mais singelas e mais consentâneas, quiçá, com o carácter popular (e, por isso mesmo, nada erudito) de que habitualmente se reveste a linguagem patente nas legendas dos mosaicos.

Assim, a identificação na primeira pessoa é deveras artificial, para já se não falar da dificuldade em fazer equivaler *Cerbio* a *Cervius*. Não seria mais lógico vislumbrar aí, por exemplo, a forma *servio*, «estou preso»? A grua prende-lhe, de facto, o braço com o bico. *Su* poderá ser *sum*, «eu sou», mas também não será de rejeitar a hipótese de ver aí a interjeição *sus!* A sequência seria: o pai incita o filho, porque está a ser atacado pela grua e o filho vai tirá-lo de sob as garras do animal: *subduc te pater!*

Num hilariante misto de tragédia e comédia — o riso que sobrevém à semi-asfíxia do perigo eminente —, a cena patenteada no mosaico de Puente Genil

não deixa de claramente ilustrar, como sublinha André Daviault, «a influência do teatro cómico sobre a iconografia dos pigmeus, ao mesmo tempo que manifesta, para além disso, o facto de o reportório das antigas comédias ainda manter, pelo menos através das personagens intervenientes, uma autêntica *vis cómica*. Estamos de acordo. É, como atrás dizia, o século IV, o ressurgir da temática tradicional, a vontade de segurar, pela cultura, um poder que pelas outras vias, impertinentemente, fatalmente, teimava em querer escapar-se-lhes. É nesse sentido, aliás, que se deve interpretar a frase com que Janine Lancha termina a sua análise do mosaico em questão:

«Nanomaquia de sabor burguês, prazer verbal e paixão pela caricatura – tudo ideias da nova leitura de antigas imagens feita por um escol na Hispânia romana, no decorrer do século IV» (p. 54).

José d'Encarnação

---

Richard J. HARRISON

**Spain at the dawn of History**

London, Thames and Hudson, 1988, 176 p., il. (Ancient peoples and places, 105)

---

Nesta prestigiada série inglesa, fundada e dirigida por G. Daniel, onde apareceram as sínteses, rapidamente consagradas, de ARRIBAS, A. *The Iberians* (1964) e de SAVORY, H. N., *Spain and Portugal* (1968), acaba de ser publicado este livro de Richard J. Harrison, actualmente docente da Universidade de Bristol, que se tornou conhecido dos arqueólogos peninsulares depois dos seus primeiros artigos nos *MDAI (M)* 15 e 17 e, sobretudo então, a partir da publicação do seu livro *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, Harvard, Cambridge, Mass., 1977.

Subtitulado «Iberians, Phoenicians and Greeks», este novo trabalho do A. sugeriria aparentemente um decalque do ágil modelo de abordagem às «categorias» dos cruzamentos civilizacionais mediterrânicos, bem patente na desaparecida série «Archaeology into History», fundada por C. e S. Hawkes. Contudo, como se verá, R. J. Harrison, manteve a documentação arqueológica como ilustrativa da informação historiográfica antiga e as aproximações dos dados civilizacionais à História foram feitos unicamente quando, na descrição da problemática, era possível mediatizar essas aproximações pela sua carga cultural significativa. É daqui que vem o realce dado à escultura ibérica e a todas as artes decorativas menores, quer as que claramente foram originadas pelo impacto da importação, quer as que mantiveram o compromisso da imediatamente anterior tradição peninsular. Assim os capítulos referentes à economia e ao ordenamento territorial, posteriores a 1200 a.C., que antecedem os novos grandes contactos «coloniais», de Fenícios e Gregos, e que dão origem, primeiro, ao período orientalizante e, mais tarde, às primeiras circulações monetárias e a sedimentos ge-

nuinamente púnicos, como os de Cádiz e das Baleares, bem como os capítulos referentes à estruturação urbana do sul e sudeste peninsular e os que se ocupam das artes manufactureiras e das «indústrias» extractivas, sendo textos essencialmente descritivos, procuram, no entanto, organizar-se numa inter-relação hierárquica histórico-geográfica. Note-se como, nesta ordem de ideias, logo na Introdução, o A. se preocupa com a questão de não se poder documentar a colonização cartaginesa entre o vale do Guadalquivir e Cástulo; como admite um aumento da produção agrícola destinado a alimentar as novas formações urbanas; como concebe sempre um modelo, ou grego ou semita, para cada produto cultural ibérico; e, ainda, como define taxativamente o modo de vida mediterrânico — urbano, culto e consumidor de vinho.

E é desta forma expositiva que decorre a questão (que atravessa internamente todo o livro, mas que persiste sem esclarecimento) de saber como se constituiu, numa espessura tão fina de História, a especificidade cultural dos objectos típicos da civilização ibérica. Isto é, saber como foi possível, através apenas do hipotético estímulo dinâmico que adveio da importação de cerâmicas gregas e de objectos de adorno orientais, ter emergido no sul e sudoeste peninsular, num lapso de tempo tão curto, uma civilização com características culturais próprias, mesmo ainda que filiáveis nas do Mediterrâneo central e oriental; saber também que peso era o da orgânica político-social, afinal comum às populações dos povoados dos pequenos reinos peninsulares, capaz de motivar, senão mesmo conduzir, à expressão desses traços originais que caracterizaram a Cultura Ibérica, isto é, a grandeza social dos padrões de coesão e hierarquização sociais e a dos padrões ideológico-artísticos que lhe correspondem.

Por outras palavras: Numa espessura tão fina de Tempo, como foi possível a Cultura Ibérica? Porque não se limitou a orla mediterrânica peninsular a ser uma montra-mostruário de produtos importados do Mediterrâneo central e oriental?

A esta questão, que o A. acaba por não satisfazer, não dão resposta nem a tradição cultural do Bronze final peninsular que por pouco tempo e debilmente subsistiu, nem, muito menos, a existência duma concentração clara de genuínos produtos culturais fénico-púnicos nas Baleares, particularmente em Ibiza, a tal plataforma redistribuidora do comércio oriental a que já, uma vez, aludimos (cf. *O AP*, IV s., 1, 1983, p. 205) e cuja importância, aliás, o A. também considera, sem que esses produtos se tivessem constituído como modelos acabados que as culturas ibéricas reproduziriam por fiel imitação e sem desvios sensíveis.

Há problemas que não se podem contornar. Muito menos evitar.

O desaparecimento relativamente generalizado, quase simultâneo e bastante acelerado das culturas materiais do Bronze final em toda a área ibérica da península, verificados quando, a par, as culturas materiais que documentam a passagem da Idade do Bronze para a Idade do Ferro na Meseta e no Alto Ebro, desenvolvem uma compressão cultural, ilustrada por uma progressão, talvez tímida mas real, da cerâmica de boquique para ocidente e sul, a que se segue um avanço da cerâmica excisa, do Alto Ebro em direcção aos Pirenéus (o que aliás põe em causa as antigas teses difusionistas sobre a origem renana dos motivos decorativos desta cerâmica, muito mais facilmente filiáveis, como se percebe, nas tradições decorativas cerâmicas do Bronze médio Peninsular, cf., *v.g.*, PELLICER, M., *La problemática del Bronce Final-Hierro del Nordeste Hispano*:

*Elementos de sustrato*, in «Scripta praehistorica Francisco Jordá oblata», Salamanca, 1984, p. 399-430), não pressuporá, para o Alto Ebro e para a Meseta, um comportamento cultural pelo menos «solidário», em todo o caso associável, com o da área ibérica?

A emergência de uma fase de grande concentração de produtos importados do comércio marítimo do Mediterrâneo, onde se é, fatalmente, sempre tentado a ver uma acção, a ocidente, de qualquer tipo de modelos de «colonização» praticados pelos mercadores marítimos (fenícios e gregos), do Mediterrâneo oriental, tal como a aceitar uma menor ou maior quantidade de conflitos armados entre as populações da área ibérica peninsular, e, ainda, a admitir uma tripolarização colonial da área mediterrânica por três núcleos que correspondem a três fases epocais, Cádiz, Baleares e Empórios, e seu *territorium*, a actual província de Gerona (que admite uma ligação, pelo menos, pelo litoral com o Perpilhão). Este período de importação hegemónica não originaria, por mínimas leis de mercado, a contrafacção, a imitação e, quase logo depois, a regionalização dos produtos culturais de importação, e suas imitações?

A «Baja época», seja a iberização cultural propriamente dita, sob o domínio romano, aparentemente muito próspera e razoavelmente homogênea, representa já uma forma da identidade provincial da Hispânia, veja-se o caso da escultura dos togados (cf., *v.g.*, GARCIA Y BELLIDO, A., *Dos datos cronológicos relativos a la escultura y la epigrafía ibéricas*, in «Estudios dedicados a Menéndez Pidal», III, Madrid, 1952, p. 507-514) e o da cerâmica pintada (cf. ABASCAL, J. M., *La cerámica pintada romana de tradición indígena en la Península Ibérica*, Madrid, 1986). E não será a «Baja época» apenas um «new look» revivalista de resistência à assimilação cultural romana sem filiações regionais indiscutíveis? Qual o peso da tradição da pintura cerâmica ibérica na cerâmica pintada celtibérica de Numância? Não será já o material das escavações, em curso, de Torreparedones (Córdoba) uma documentação muito mais de compromisso provincial, romano, que de genuína Cultura Ibérica?

Num momento em que as ciências arqueológicas ainda estão, naturalmente, ocupadas com a identificação e análise de microespaços, talvez, para muitos pareça precoce, ou até inútil, pôr-se questões como estas. Mas elas não deixarão de ser as prioritárias, quer para o enfoque histórico, quer para a orientação e para os métodos de pesquisa.

Este pequeno livro tem, no entanto, grandes virtudes. É que, sendo tradicional(ista), é límpido e escovado de erudites dispersivas. E sendo moderno (deixando definitivamente para trás, o de A. Arribas) é muitíssimo bem documentado. Se o capítulo referente às escritas e às línguas se desactualizará certamente em pouco tempo, os restantes servirão capazmente qualquer «scholarship» universitária não-peninsular ainda por muitos anos, sobretudo se R. J. Harrison, com a inteligência que lhe reconhecemos, os for ampliando e pome-norizando em próximas edições, como é o nosso voto.

Luís Coelbo